

ÍNDIO BRASILEIRO

Sob o rastro do boi

Os bororos resistem, revitalizando suas tradições

O boi avança pelo Centro-Oeste e ameaça de extinção a onça, inimiga imemorial de várias nações indígenas. O desaparecimento do temido felídeo, entretanto, está trazendo problemas em vez de tranquilidade para os índios. Pela falta de onça, os bororos enfrentam no pantanal do rio São Lourenço, Mato Grosso, o perigo de não dar continuidade a rituais sagrados, entre eles o móri (vingança do morto), ainda preservados depois de quase três séculos de contato com a civilização.

Sem o couro do animal em que creem estar personificado o espírito mau responsável pela morte do índio bororo, a aldeia não vê como realizar os rituais funerários e com eles encaminhar a alma do falecido à sua jornada além-túmulo. Estão certos de que, se não for realizado o móri, tanto o morto como os vivos da aldeia estão sujeitos a funestas consequências. A aldeia ficará povoada de espíritos maus e assombrações que perseguem o morto não vingado e, por isso, impedido de buscar sua morada definitiva.

Em julho passado a aldeia bororo de Córrego Grande só pôde realizar o móri um ano e meio depois da morte de um índio, quando o normal seria 45 dias, e assim mesmo porque o Museu Rondon, da Universidade Federal de Mato Grosso, conseguiu do Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal (IBDF) a doação de peles de onça apreendidas de caçadores clandestinos.

O indianista Antônio João de Jesus, do Museu Rondon, explica que entre os bororos o desespero pela redução de seu território não é só em vida, mas vai muito além daqui. Os índios acreditam numa vida pós-morte, o mundo dos aroés (almas), onde o espírito do morto vaga enquanto não escolhe sua última morada. O ritual funerário, em que se destaca a cerimônia do móri, realizado no pátio menor da aldeia, localizado ao lado do baito (casa dos homens) serve justamente para preparar o defunto para a grande, perigosa e última viagem. Enquanto a alma do morto não define se sua última morada será no ituboré (leste) ou no bakororo (oeste), reinos governados por seres mitológicos, a aldeia vai se povoar de bopes (almas ruins) provocadores de mais mortes e mais tristezas para o mundo bororo.

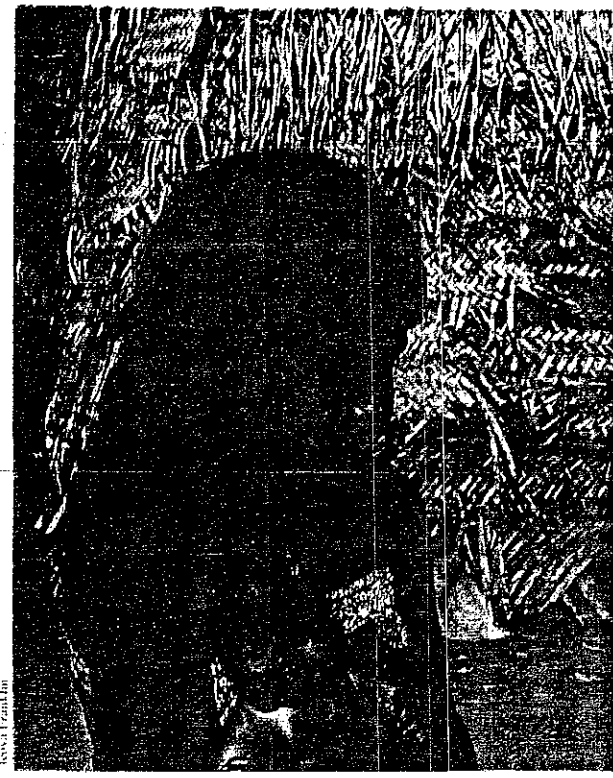
A extinção da onça e de outros animais simboliza para eles a profecia de um bária (feiticeiro), que anunciou estar perto "o fim do grande sofrimento", sob o argumento de que os bororos não poderiam viver sem peixe, sem buriti, sem ba-

baçu, sem cerrado, sem terra e, principalmente, sem o mais temido de seus inimigos terrestres, a onça. "Seria uma vida triste e sem cor".

Triste e sem cor, para os bororos, são as terras que ficam sob o rastro do boi e do trator. Confinados em seus territórios e ilhados pelos bois, os bororos têm cada vez menos espaço para a caça e coleta de frutos vegetais, seus tradicionais meios de sobrevivência. O avanço das fronteiras agrícolas chegou a um ponto tal que lhes faltam até a arara e outros pássaros de plumas coloridas, dificultando e quase impedindo o desenvolvimento de sua arte



Valdir Bororo



Levi Franclim

Três séculos de resistência e muita dificuldade para realizar os rituais. Mas, o rosto das crianças mostra uma esperança ainda viva



Valdir Bororo

plumária, destacada pelo alto grau de elaboração e senso estético.

Antônio João explica ainda que, preocupado com esse estado de coisas, o Museu Rondon procura restabelecer o móri, conseguindo dos civilizados a doação de peles de onça. Reconhece que talvez a cerimônia não se revista da mesma glória dos tempos em que a onça era capturada pelo próprio índio. No entanto, não quer deixar que se enfraqueça a resistência cultural dos bororos. Eles, apesar de quase 300 anos envolvidos pelo processo civilizatório (invasões armadas, catequese, paternalismo etc.), conseguem manter-se fiéis a suas crenças e rituais, principalmente nas aldeias que se mantiveram mais arredias às missões religiosas. Este é o

caso da aldeia de Córrego Grande, onde o bária Kadagári (o martim-pescador) reina como uma espécie de memória viva dos rituais bororos, consultado sempre pelos báris e iniciantes das outras aldeias.

Mundo sem cor — A profecia que falava no "fim do grande sofrimento" refletia um estado de desespero coletivo que envolvia os bororos até a década passada. Descrentes no mundo que lhes impunham os civilizados eles passaram à prática do infanticídio e da embriaguez. A superação desse desespero teve como ápice a assembléia bororo realizada em agosto de 1983, com a participação dos líderes de todas as aldeias bororos e de convidados de outras tribos. A assembléia foi realizada por iniciativa deles próprios, sem a interferência

da Fundação Nacional do Índio (Funai).

Para a antropóloga Edir Pinas de Barros, da Universidade Federal de Mato Grosso, a assembléia foi um marco histórico na vida dos bororos. "Pela primeira vez," explica, "estiveram juntos representantes de todas as aldeias para discutir seu próprio destino e tomar posição comum diante da questão de terras, da atuação da Funai, das missões religiosas, da escassez de alimentos e outros problemas que os afetavam. A assembléia foi uma tomada de posição dos bororos diante de si próprios e de outros grupos indígenas, para a recuperação de sua dignidade como povo".

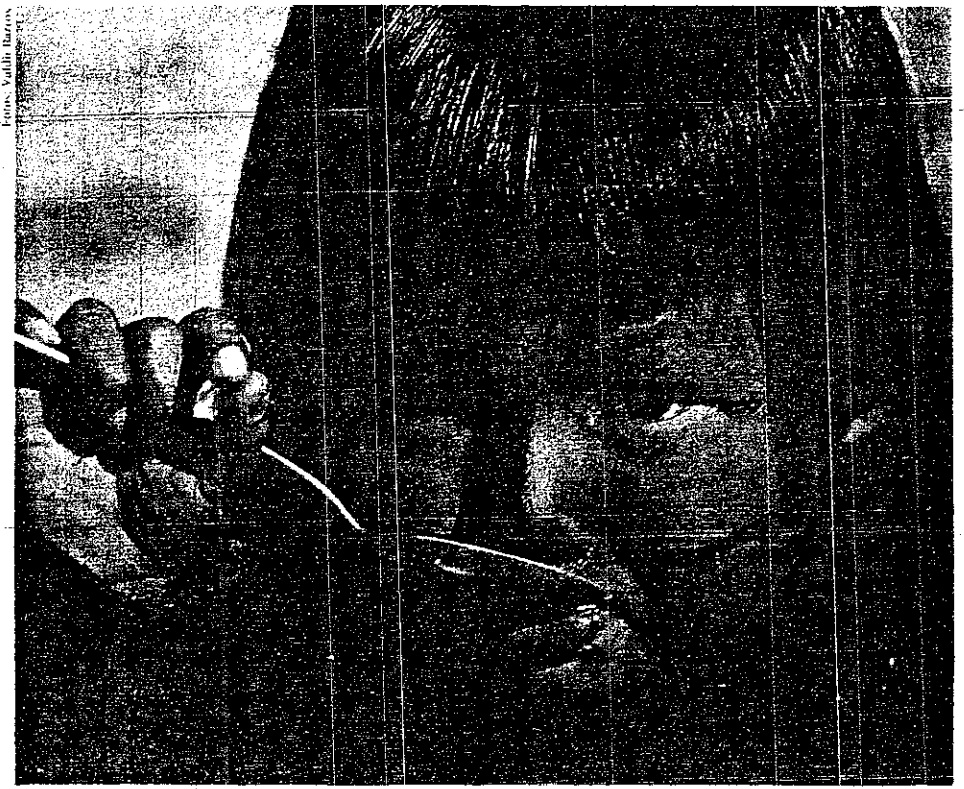
Diz a antropóloga, situando bem a importância da assembléia bororo, que eles viviam há 80 anos em silêncio, desde que foram dominados a mão armada, pacificados e submetidos à dominação religiosa, numa situação caracterizada por eles próprios como "embaixo do sapato branco." Até o início do século os bororos eram temidos como guerreiros ferozes em luta permanente pela preservação de seu território, que chegava à fronteira com a Bolívia. Em defesa do seu es-

como mais perigosas. A República veio modificar os métodos de aproximação com os índios, sob a inspiração de Rondon, filho de índia bororo. Com muita bondade, tolerância e muito brinde, Rondon conquistou os bororos e os fez confraternizar com os civilizados. E sob sua inspiração, no início do século, foi criado o Serviço de Proteção ao Índio (SPI) e com ele o Estado assumiu uma política extremamente paternalista. Era prática comum do SPI despejar caminhões de ferramentas, roupas e víveres nas aldeias pacificadas. Como era de se esperar, tal política não pôde perdurar. Já na segunda metade do século, já estavam comprometidos tanto o prosseguimento dessa política como a própria existência do SPI.

Nos rastros da aproximação iniciada por Rondon, vieram as missões religiosas

mesmo determinados a apressar "o fim do grande sofrimento".

Para esses fatos a antropóloga apresenta uma surpreendente interpretação. A bebida e o infanticídio eram formas de os bororos resistirem à dominação dos não-índios. A bebida e até algumas ervas alucinógenas fazem parte dos rituais bororos. Ela própria afirma ter presenciado um grupo de bororos embriagados passar a noite inteira numa casa de alvenaria, na periferia de Cuiabá, entoando cânticos rituais. Para o civilizado, tal comportamento só poderia ser classificado de "arruaça". "Mas de que modo" pergunta ela "eles poderiam preservar seus rituais, quando todo seu espaço tribal foi esfacelado pelo branco?" Quanto ao infanticídio, ela declara ter ouvido dos próprios bororos a explicação de que não adiantaria colocar mais gente no mundo triste e sem



Fotos: Valdir Barros

paço tribal eles chegavam a fazer incursões armadas contra a capital da província, Cuiabá, povoação instalada nas proximidades das minas de ouro descobertas e exploradas em território bororo. Naquelas cercanias está o morro Santo Antônio, visto praticamente de qualquer ponto de Cuiabá. Ele é tido pelos indígenas como monumento sagrado. Segundo a lenda, nele foi dada origem ao povo bororo, com o casamento do índio Jerigi Otojiwe com a fêmea de um veado, depois de uma grande inundação ter varrido toda a terra.

O Segundo Império, para garantir a exploração das minas de ouro e o escoamento dessa e de outras riquezas, armou-se para enfrentar os índios rebeldes, ocupando militarmente as aldeias tidas

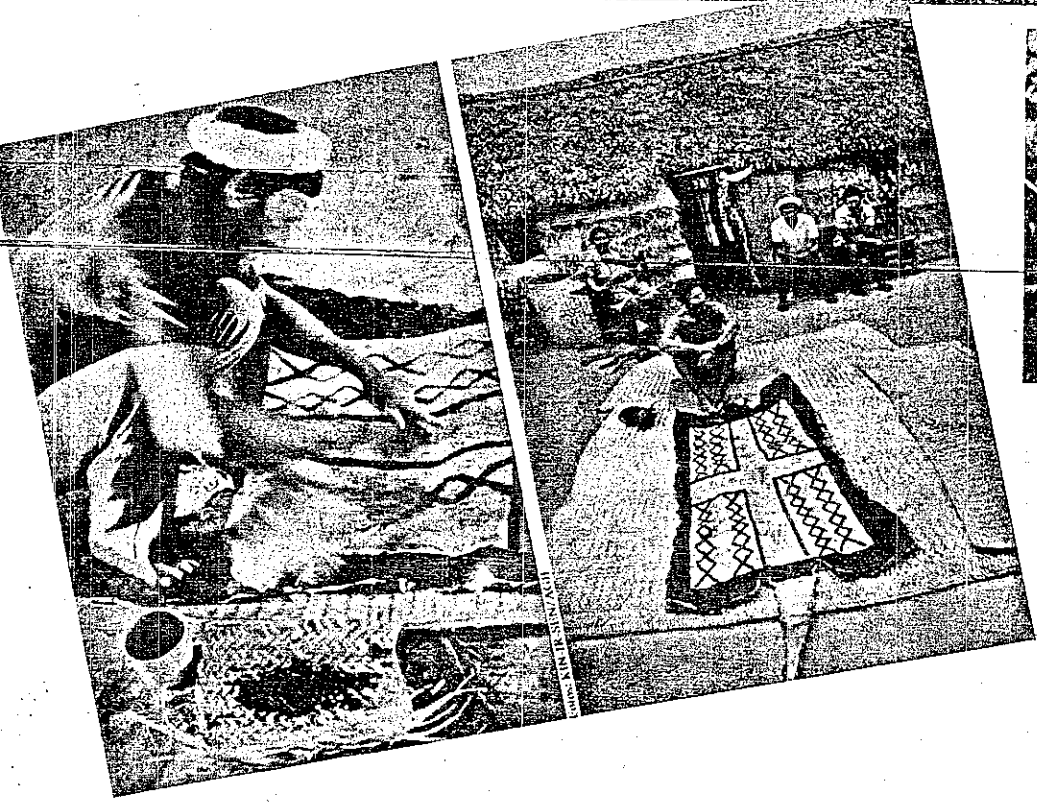
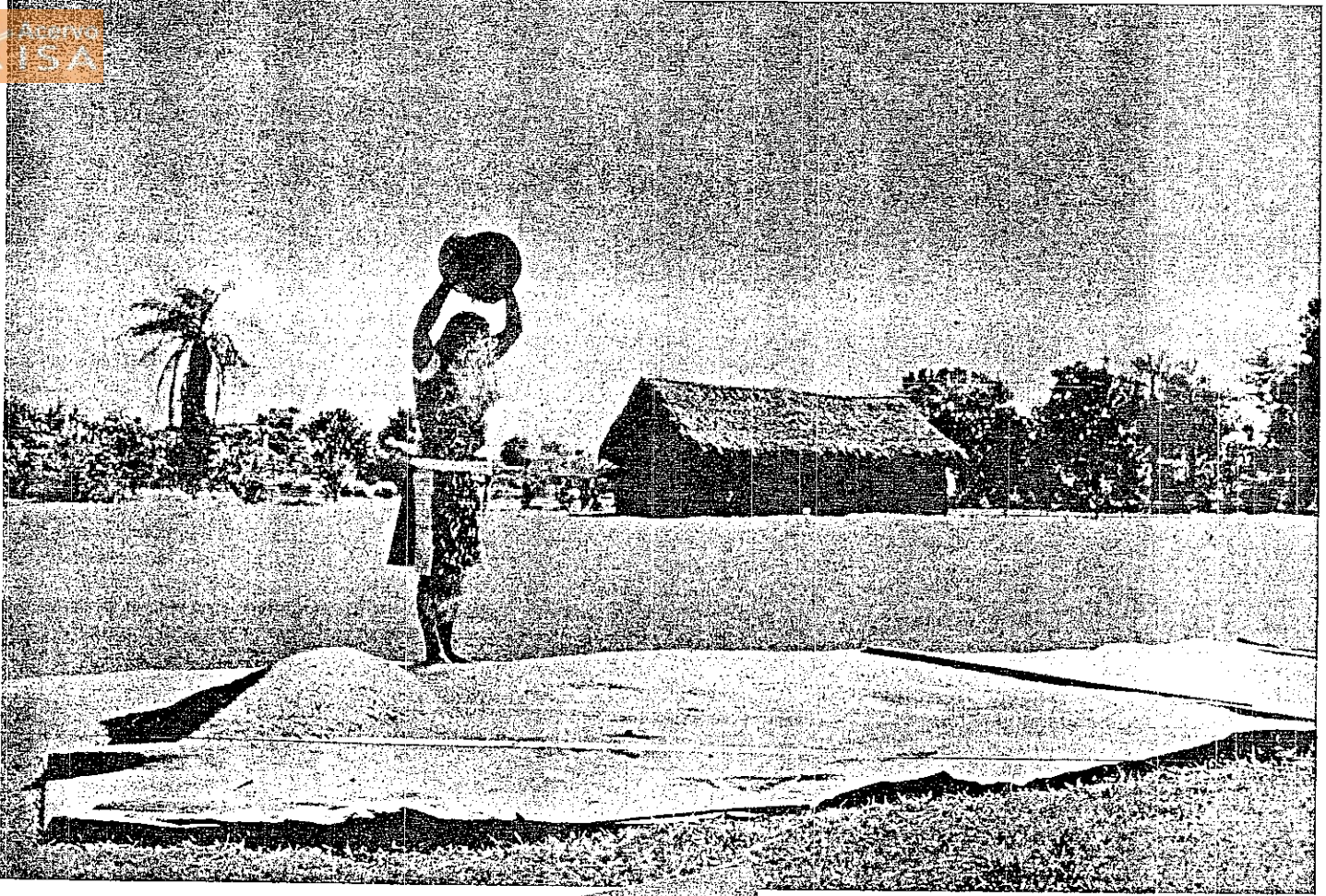
(Salesianos). Dominados e dependentes, os bororos foram submetidos a um marcante processo de desestruturação. Antes temidos guerreiros, passaram a ser vistos como presas fáceis pelos tradicionais inimigos xavantes e caiapós. Passaram a se entregar à bebida e a perambular nas periferias das cidades. As aldeias entraram em processo de auto-extermínio, com a prática rotineira do infanticídio.

O agonizante SPI tentava reverter a situação, promovendo incentivos à reprodução indígena. Instituiu prêmios em gado bovino para cada criança preservada viva e prêmios complementares em gado equino para cada período de vida completado pela criança índia. O esforço pouco adiantava. Os bororos pareciam

cor a eles deixado pela civilização.

Resistência cultural — Uma visita à aldeia de Córrego Grande (PI - Gomes Carneiro) na entrada do Pantanal permite a conclusão de que alguma coisa mudou de forma radical na vida dos bororos. Há muita criança. Criança sadia. A escolinha dirigida por Maria Ossemer vai entregar este ano o certificado de conclusão de 4ª série para 11 alunos, enquanto 20 outros se esforçam para chegar lá. Para uma população de 130 habitantes, essa é uma parcela extraordinária de crianças em idade escolar. A maioria da população da aldeia não chega aos 25 anos.

O que levou os bororos a redescobrir



Fotos: Valdir Barros



No dia-a-dia da aldeia o trabalho pesado pertence às mulheres, exímias no uso do machado, da enxada ou do facão. Os homens, responsáveis pela caça e pesca, cuidam da arte plumária e da ornamentação de objetos sagrados

a cor de um mundo sem onça e sem araras? Sedentarizados e confinados em ilhas do seu antigo território eles ainda fazem excursões de caça e de pesca. E como isso não dá para garantir sua sobrevivência, eles se esforçam para a prática da agricultura. Entre os sertanistas da Funai corre a lenda de que depois de uma estréia surpreendente na cultura do arroz, os índios receberam no ano seguinte a visita de técnicos que vieram orientar o replantio. Os bororos não quiseram saber de conversa: "Para que plantar mais se a aldeia não dá conta de comer tanto arroz?"

Fechados em sua lógica e em seu mundo, os bororos pouco trabalho se dão a qualquer explicação. A assembléia de 1983 foi de fato um marco histórico, mas não o elemento detonador do processo de reversão de perspectiva. Deve ser vista mais, talvez, como consequência e coroamento desse processo de reversão. O fascínio pelo mundo civilizado não merece crédito como explicação. Os bororos se

homem faz parte de sua cultura e fica claramente expresso em várias lendas e mitos bororos.

É o que pensam os bororos dos não-índios? Eles são uma gente hospitaleira, aparentemente pacata e muito gentil. Mas nos rituais, principalmente nos rituais funerários, transparece uma visão nada simpática do civilizado.

Gritos de zombaria — O frio intenso força a realização dos rituais dentro do **baíto**, que em caráter excepcional permite o acesso às mulheres e crianças. No centro da casa sagrada, o **bári**, diante do couro da onça e acompanhado de parentes mais próximos do morto, puxa e sustenta os cânticos rituais, com segurança. Ele não pode errar. Qualquer deslize

No móri os índios reconstituem, como num teatro de arena, os perigos que a alma do morto enfrentou em vida, representados por figuras sinistras de "brancos" encapuzados vestidos na pele de caçador, fazendeiro, médico ou padre.

do civilizado, investem contra as mulheres e crianças. Estas participam da encenação fingindo medo ou emitindo gritos de zombaria. Os seres encapuzados e ameaçadores representam claramente o fazendeiro, o caçador, o sacerdote, e outras classes de civilizados em maior contato com os índios.

Entre os vários tipos caracterizados, destacam-se pela arrogância e impiedade os fazendeiros e caçadores. Eles ameaçam com espingardas, com facão e até mesmo com o sexo, simbolizado ostensivamente por uma bainha de facão vazia. Quando os protestos da platéia se tornam maiores, os seres encapuzados batem a mão sobre os bolsos recheados, exibindo sua arma maior, o dinheiro.

Forma-se grande balbúrdia na casa sagrada, mas o **bári** (vários **báris** se sucedem durante a noite), os parentes do morto e o coro dos homens se mantêm impassíveis, em frente ao couro da onça, entoando os cantos sagrados. Depois de algumas evoluções de sua dança macabra,



caracterizam principalmente pela grande resistência cultural e preservação de seus aloreôs. Depois de três séculos de contato com a civilização, seus rituais se mantêm, assim como sua organização tribal e até mesmo sua arquitetura.

Os bororos são uma sociedade marcadamente matriarcal, principalmente nos novos tempos de práticas agrícolas. O homem assume o machado e a enxada, os trabalhos de desmatamento, preparo do solo, plantio e colheita, enquanto os rituais se reservam às tradicionais práticas de caça e pesca. Por ter uma posição econômica tão marcante, a mulher bororo, ao contrário do que acontece em outras nações indígenas, é muito pouco valorizada. O antagonismo com o

pode significar maus presságios. Ao lado do **bári** e dos parentes do morto, um grupo de jovens reforça o canto. Em volta deles, uma roda de mulheres dança, enquanto num dos cantos da casa sagrada outro grupo de mulheres forma um coro extraordinariamente afinado, marcando o ritmo do cântico.

O ritual começa logo depois do pôr-do-sol e se prolonga até um pouco antes de o sol novamente brilhar. Numa de suas fases, os índios desenvolvem uma série de cerimônias que, para um observador não-índio, representam o mais puro teatro de vanguarda. Numa dessas fases do ritual a dança é substituída pelo desfile de seres encapuzados ou mascarados, que em roupas do civilizado e portando instrumentos

os seres ameaçadores e mudos saem para o pátio e se dirigem às cabanas. Vão amedrontar também os índios que dormem.

Nesta encenação, onde com muita simplicidade se tornam concretas as propostas mais avançadas do teatro de vanguarda, os rituais, misturando drama e comédia, reproduzem o grande perigo por que passa a alma do morto na longa jornada em busca da morada definitiva, "o fim do grande sofrimento".

Ao raiar do sol, não há nem sombra do ritual funerário. As crianças alegres e sadias ocupam o pátio da aldeia. Gente muito bonita, os bororos.